
O desempenho da indústria em 1998

*Sílvia Horst Campos**
*Maria Cristina Passos***

A evolução da produção industrial no ano de 1998 confirmou a tendência de queda do crescimento já apontada na análise do desempenho das indústrias brasileira e gaúcha, nas edições anteriores desta revista. Essa redução do crescimento decorreu, principalmente, das medidas de política econômica implementadas no Brasil desde a crise nos mercados financeiros internacionais, iniciada em meados de 1997. Em 30 de outubro desse ano, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central elevou, de forma expressiva, a Taxa Básica do Banco Central (TBC), significando uma modificação na política de manutenção da estabilidade da taxa de juros adotada desde abril de 1997. A elevação da taxa de juros interna passou a pressionar ainda mais o custo da dívida pública, ampliando o desequilíbrio das contas do Governo, apesar de, concomitantemente, terem sido adotadas medidas fiscais para aumentar as receitas.

Já no final de novembro, o Banco Central iniciou um processo de paulatinas reduções na taxa básica de juros, estendendo-se até jul.-ago./98. No entanto o agravamento da crise no mercado financeiro internacional forçou os gestores da política econômica do País a aumentá-la novamente. Em setembro, o Banco Central elevou, significativamente, a taxa de juros, passando a Taxa Básica de Assistência (Tban) de 29,75% a.a. para 49,75% a.a.¹ Esse aumento, novamen-

* Economista, Técnica da FEE e Professora da PUC-RS.

** Economista, Técnica da FEE e Professora da UNISINOS.

As autoras agradecem à colega Maria Lucrécia Calandro pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto, bem como aos estagiários André Grudzinski e Milena Gomes de Campos pela elaboração das tabelas e gráficos.

¹ Cabe notar que a TBC perdeu importância como balizadora da taxa de juros da economia, uma vez que os bancos praticamente deixaram de recorrer à linha de assistência financeira de liquidez do Banco Central remunerada por essa taxa. Com isso, a taxa básica de juros da economia passou a ser a Tban.

te, pressionou o déficit público, o que determinou a adoção de medidas relacionadas à área fiscal em setembro e outubro de 1998 para compensar o déficit dos juros nominais.²

No caso específico da atividade industrial, os efeitos dessas medidas fizeram-se sentir de forma imediata, uma vez que a elevação do patamar da taxa de juros resulta no encarecimento do crédito, na retração do consumo e no aumento da inadimplência, e o objetivo de alcançar um déficit público menor implica a implementação de medidas contracionistas, como a redução dos gastos governamentais e o aumento de impostos. A indústria de bens de consumo duráveis, que liderou o crescimento no período do Plano Real, foi a mais atingida pelas medidas restritivas implementadas após o acirramento da instabilidade no mercado financeiro internacional. Como será visto mais adiante neste texto, essa indústria apresentou o pior desempenho dentre os diversos segmentos industriais do País, após outubro de 1997.

A desaceleração no ritmo da atividade industrial brasileira

A produção da indústria brasileira (transformação e extrativa mineral) apresentou uma queda de 2,3% nos 10 primeiros meses de 1998 em relação a igual período do ano anterior.³ Estimativas preliminares indicam que as taxas de crescimento para novembro e dezembro também serão negativas, o que tornará o resultado, para o total do ano de 1998, inferior ao registrado em 1997. Como pode ser visualizado no Gráfico 1, a partir de junho a produção industrial reduziu-se continuamente, representando uma queda de 6,2%, concentrada principalmente em setembro e outubro.

Tal redução no crescimento industrial indica uma ruptura na tendência de crescimento observada num longo período de 16 meses (junho de 1996 a outubro de 1997), fazendo com que os níveis de produção retornassem ao patamar de meados de 1996, de cerca de 14 pontos percentuais acima da média de 1991. A significativa queda de diversos segmentos industriais repercutiu negati-

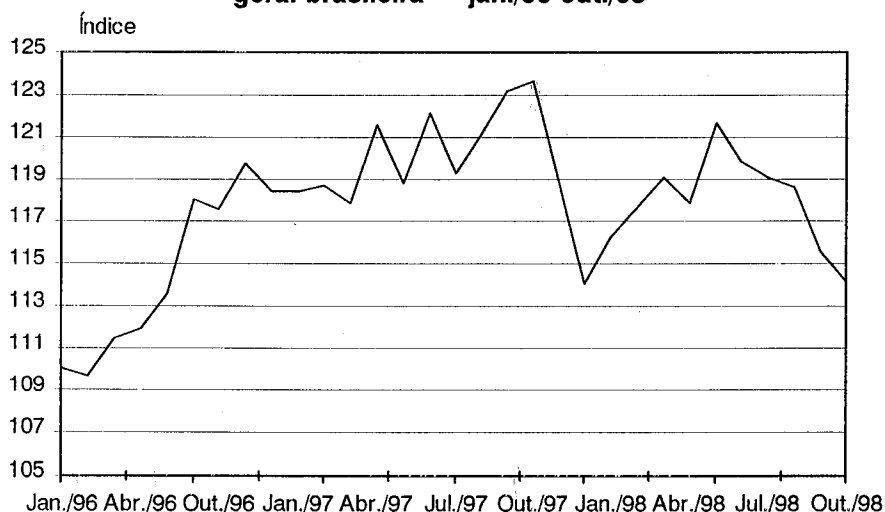
² Para maiores informações a respeito das medidas de política econômica implementadas no período, ver o texto sobre a política fiscal nesta revista.

³ Os dados de produção física industrial relativos a 1998, calculados pelo IBGE, estão disponíveis até o mês de outubro.

vamente no índice geral de atividade. Para tanto, concorreram fatores que tiveram impacto negativo sobre a demanda agregada, sobretudo os relacionados às mudanças no cenário econômico e às medidas restritivas adotadas pelo Governo brasileiro.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral brasileira — jan./96-out./98



FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice)[on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibge.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100, ponderação pelo **Censo Industrial de 1985** e ajustamento sazonal.

Dentre os 20 ramos pesquisados pelo IBGE, observa-se uma predominância de taxas de crescimento negativas, no acumulado jan.-out./98, algumas delas bastante expressivas. Com desempenho positivo merece destaque ape-

nas a indústria extrativa mineral, cuja produção aumentou 11% em relação a igual período do ano anterior. Cabe notar que, considerando esse indicador, dentre os demais ramos que apresentaram crescimento positivo no período, somente três obtiveram uma expansão entre 1,7% e 3,5% (perfumaria, sabões e velas; farmacêutica; e química), e outros três avançaram sua produção em menos de 1%. No comparativo out./98-out./97, a indústria extrativa mineral registrou uma expressiva taxa de crescimento de 24%, devido, principalmente, à expansão da produção de petróleo e gás natural.

É importante ressaltar que esses segmentos foram responsáveis pela excelente performance da indústria do Rio de Janeiro no mês de outubro, apresentando a taxa de crescimento mais elevada dentre os nove estados considerados no levantamento realizado pelo IBGE. A indústria da Bahia também experimentou um resultado bastante positivo no mês de outubro (9,8%), impulsionado pela expansão na produção de derivados de petróleo. Como mostra a Tabela 1, nos demais sete estados, as taxas de crescimento no mês de outubro em comparação com igual período do ano anterior foram negativas, e, com exceção do

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção física industrial em estados selecionados
e no Brasil – 1998

DISCRIMINAÇÃO	OUTUBRO	ACUMULADO JAN-OUT
Brasil	-9,2	-2,3
Pernambuco	-32,7	-6,7
Bahia	9,8	7,4
Ceará	-0,7	0,9
Minas Gerais	-12,9	-2,6
Rio de Janeiro	13,2	5,8
São Paulo	-13,9	-2,7
Paraná	-3,7	0,1
Santa Catarina	-7,7	-2,8
Rio Grande do Sul	-8,0	-5,2

FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice) [on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibge.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

NOTA: Base igual período do ano anterior = 100.

Ceará e do Paraná, ocorreu uma forte diminuição no ritmo de atividade industrial no período jan.-out./98. O Rio Grande do Sul apresentou o segundo pior desempenho, quando é considerada a taxa acumulada até outubro de 1998 em comparação com igual período do ano anterior. Embora esse resultado deva ser relativizado pela base de comparação muito elevada (jan.-out./97), não deixa de apontar uma retração bastante significativa na atividade industrial deste Estado.

Nos 10 primeiros meses de 1998, a produção da indústria de transformação do País caiu 3,4% frente a igual período do ano anterior. Esse decréscimo só não foi maior devido à recuperação ocorrida em março e maio, que corresponderam aos únicos meses do período que apresentaram taxas positivas de crescimento em relação a igual período de 1997 e em relação ao mês imediatamente anterior, já descontada a sazonalidade.

Os resultados acumulados até outubro de 1998 podem ser creditados ao fraco desempenho da indústria de bens de consumo, em particular do segmento de bens de consumo duráveis, cuja produção decresceu 20,7% no período em questão.⁴ A retração nas vendas desses produtos, decorrente do aumento da taxa de juros e das demais medidas adotadas para fazer frente às instabilidades no mercado financeiro internacional, repercutiu negativamente sobre esses segmentos industriais. Considerando-se os gêneros material de transporte e material elétrico e de comunicações, que representam uma parcela significativa da indústria de bens de consumo duráveis, o indicador acumulado até outubro registrou uma queda de 13% e 11% respectivamente. Esses gêneros foram os responsáveis pelas maiores contribuições negativas (-1,11 e -0,97 pontos percentuais) para a formação da taxa global de crescimento da indústria brasileira.

A contração nos gêneros material de transporte e material elétrico e de comunicações decorreu, fundamentalmente, do declínio na fabricação de automóveis e de eletrodomésticos, principalmente na de aparelhos de televisão e de videocassete. No caso dos primeiros, a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) registrou uma diminuição de cerca de 25% na produção e de 29% nas vendas para o mercado interno no comparativo com os 10 primeiros meses de 1997. Cabe ressaltar que o recuo no ritmo das vendas para o mercado interno e da produção da indústria automobilística do País se acelerou nos dois últimos meses do período em questão. Paralelamente, as

⁴ Cabe notar que, somente no mês de outubro, a queda na produção de bens duráveis, em relação a igual mês do ano anterior, foi de 32,6%.

exportações também contribuíram para o fraco desempenho dessa indústria, uma vez que, em setembro e outubro, as vendas externas diminuíram cerca de 46% e 55%, respectivamente, em relação a igual período de 1997. As últimas informações disponíveis, referentes ao mês de novembro de 1998, mostram a manutenção da tendência de queda nos principais indicadores do desempenho dessa indústria. Assim, considerando-se o elevado nível de estoques existente nas concessionárias de veículos e nas próprias montadoras, assim como o atual encarecimento do crédito e a situação no mercado internacional que vêm contribuindo para a frágil performance do setor, é possível prever que a retração do crescimento se mantenha nos próximos meses.

Cabe notar que bens de capital foi a única categoria de indústria que manteve o nível de produção semelhante ao verificado em 1997, com uma taxa de crescimento acumulada até outubro de 0,2%. No entanto constata-se uma desaceleração bastante acentuada no seu ritmo de crescimento no final do período em questão, que afetou vários de seus subsectores. Os resultados para setembro, em relação ao mesmo mês do ano anterior, registraram uma queda de 11%. O mesmo indicador evidencia uma retração de 18% para o mês de outubro. De acordo com o IBGE, neste último mês, verificaram-se recuos na produção de máquinas agrícolas (-28,7%), bens de capital para fins industriais (-18%), equipamentos de transporte (-11,6%), equipamentos para produção e distribuição de energia elétrica (-11,7%) e bens de capital misto (-13%).

Trajetória declinante do nível de atividade industrial no Rio Grande do Sul

A indústria gaúcha, tal como o ocorrido com a brasileira, também vem sofrendo os impactos negativos do processo de ajuste em curso desde a implantação do Plano Real, aliado à desaceleração decorrente das medidas de política econômica implementadas visando enfrentar o agravamento do déficit público e da recente crise nos mercados financeiros internacionais.

As estimativas do crescimento do Produto Industrial Bruto da Indústria no Rio Grande do Sul para 1998, realizadas pela Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE), apontam uma queda de 3,2%

em relação ao ano de 1997.⁵ A indústria de transformação, que participa com 33,83% na composição do PIB estadual, foi, segundo a FEE, a principal responsável por esse crescimento negativo, pois experimentou uma expressiva retração de 5,6% no período. A desaceleração da atividade industrial, sentida a partir de meados de 1997, agravou-se durante o ano de 1998, produzindo esse resultado desfavorável. O desempenho positivo da indústria da construção civil (7,9%) e dos serviços industriais de utilidade pública (4,3%), com participações bem menores na estrutura do PIB industrial gaúcho, apenas amenizou a retração das indústrias de transformação e extrativa mineral.

A comparação desses dados com as últimas estimativas do PIB brasileiro realizadas pelo IBGE mostra que, no Brasil, o desempenho do produto industrial também registrou queda, embora menos intensa, havendo alcançado crescimento zero. As diferenças significativas do perfil estrutural das indústrias gaúcha e brasileira, bem como os diferentes estágios tecnológicos em que se encontram, são fatores que explicam, em grande parte, esses comportamentos distintos, embora exista uma convergência quanto ao sentido da evolução da produção industrial.

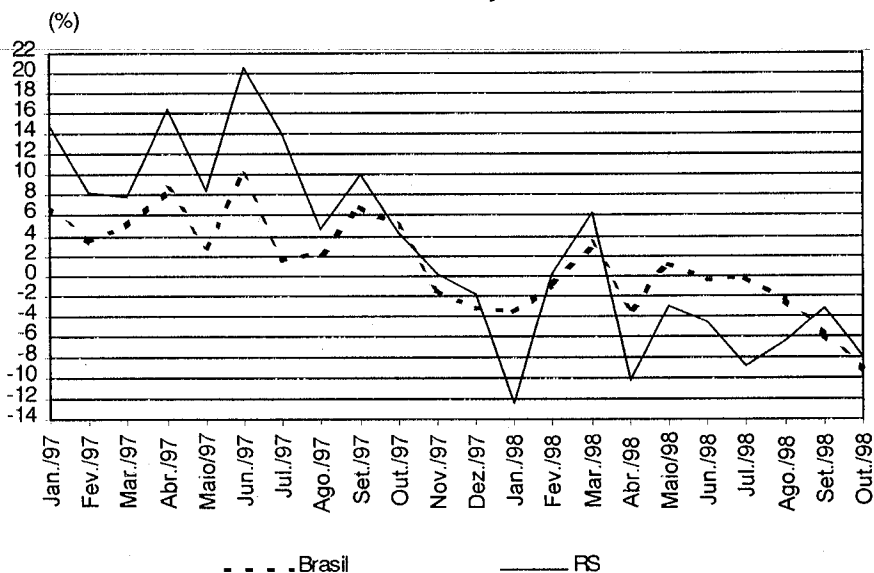
Esse quadro de desaceleração do setor industrial maior no Rio Grande do Sul do que no Brasil também pode ser observado através da análise do comportamento dos indicadores mensais da produção física do IBGE. Conforme pode ser visualizado no Gráfico 2, as taxas mensais registradas na indústria gaúcha (transformação e extrativa mineral) foram superiores às da indústria brasileira durante todo o ano de 1997, com exceção do mês de outubro. Já no início de 1998, configurou-se uma inversão desse comportamento, que perdurou durante praticamente todo esse ano. E com um agravante: as taxas foram negativas, com exceção dos meses de fevereiro e março. O pior desempenho da indústria gaúcha ocorreu no mês de janeiro de 1998, quando o nível de produção recuou 12,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior, enquanto a indústria brasileira decresceu apenas 3,7%.

⁵ Conforme a FEE, desde a implantação do Plano Real em 1994, quando o PIB industrial gaúcho atingiu o seu pico, essa é a terceira vez que ocorre uma taxa de crescimento anual negativa: 1995 (-12,92%); 1996: (-0,17%); e 1998 (-3,26%).

As estimativas efetuadas pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) também indicam um crescimento negativo na indústria gaúcha em 1998, embora de menor magnitude (-0,5%).

Gráfico 2

**Taxa de crescimento mensal da produção física da indústria geral
no Brasil e no RS — jan./97-out./98**



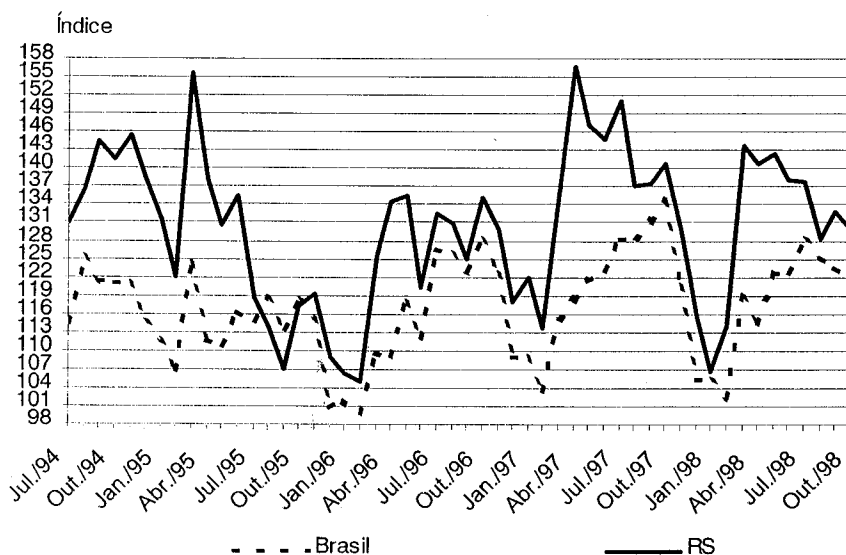
FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice) [on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibge.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

NOTA: Os percentuais refletem a variação do mês em relação ao mesmo mês do ano anterior.

É importante ressaltar, entretanto, que, apesar de as taxas de crescimento em base mensal terem sido menos favoráveis para o Rio Grande do Sul durante a maior parte de 1998, num prazo mais longo a performance da indústria gaúcha é superior à da brasileira. A trajetória da produção industrial brasileira e da gaúcha pode ser melhor avaliada com base na evolução dos índices de produção física do IBGE, com base fixa. No Gráfico 3, apresenta-se a evolução mensal desse indicador, com base 1991 = 100, desde a implantação do Plano Real, em julho de 1994.

Gráfico 3

**Índice da produção física da indústria geral do Brasil
e do RS — jul./94-out./98**



FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice) [on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibje.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100 e ponderação pelo **Censo Industrial de 1985**.

De imediato, é possível observar que, em 1998, o patamar da atividade industrial do Rio Grande do Sul se encontrava em um nível ainda superior ao de 1995 e 1996, enquanto a indústria brasileira superou apenas os níveis de 1995. A análise da evolução desses índices indica, pois, que a magnitude das taxas mensais negativas observadas em 1998, no caso do Rio Grande do Sul, é, em grande medida, decorrente do excelente desempenho da indústria gaúcha em 1997. Por exemplo, uma comparação entre 1996 e 1998 indicaria taxas positivas em todos os meses. Uma segunda observação refere-se às trajetórias opostas no primeiro semestre de cada ano e a sua convergência na segunda metade

do ano. Novamente, e conforme já apontado em análises anteriores (PASSOS; CAMPOS, 1997), deve-se buscar a explicação para essas diferenças nas peculiaridades da composição industrial que caracterizam a estrutura das indústrias gaúcha e brasileira.

A fraca performance mensal da indústria no Rio Grande do Sul em 1998, principalmente no segundo semestre, culminou, conforme pode ser observado na Tabela 2, em indicadores acumulados negativos no ano e nos últimos 12 meses, respectivamente, -5,18% e -4,52% para a indústria geral e -5,12% e -4,47% para a indústria de transformação, indicando retorno a um patamar inferior de crescimento da produção.

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção física da indústria do RS — out./98

DISCRIMINAÇÃO	INDÚSTRIA GERAL	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	(%)
Mês a mês (1)	-7,96	-7,96	
Acumulado no ano (2)	-5,18	-5,12	
Acumulado em 12 meses (3)	-4,52	-4,47	

FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice) [on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibge.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

Para a composição das taxas acumuladas, destacaram-se especificamente os recuos na produção de botas, sandálias e sapatos de couro para senhoras e calçados de plástico e na de fumo em folha beneficiado. Além de ambos os segmentos se encontrarem estreitamente vinculados ao setor externo, sofrendo os efeitos da política cambial em vigor desde a implantação do Plano Real, outros fatores, como a exposição da indústria nacional à concorrência internacional face ao processo de abertura da economia (no caso dos calçados) e à diminuição da safra de fumo em folha, também explicam o desempenho negativo.

Por sua vez, no que se refere às contribuições positivas, salienta-se o aumento da produção de fertilizantes, gasolina, cimento pozolânico e louças sanitárias. Observam-se aqui os efeitos positivos da expansão da indústria da construção civil decorrentes, em grande parte, das obras civis de alguns empreendimentos industriais de porte, tais como a montadora General Motors e várias fábricas, como a Coca-Cola, a Brahma, a Goodyear, dentre outras.

Para o último bimestre do ano, as estimativas preliminares sinalizam o aprofundamento da trajetória de desaceleração da produção física da indústria gaúcha. Além da diminuição sazonal da atividade industrial nesse período, agregam-se elementos da política macroeconômica, como o novo salto das taxas de juros. Com relação a este último aspecto, deve-se ressaltar a dificuldade de prever com exatidão a extensão dos seus efeitos sobre a atividade industrial, que ainda sofre os impactos da crise asiática. Com efeito, "(...) existe, sem precedentes no período de vigência do Real, uma conjuntura econômica interna e externa muito desfavorável à atividade produtiva" (A INDÚSTRIA..., 1998, p.33).

O desempenho segundo os gêneros industriais

A trajetória declinante observada ao longo do ano de 1998 reflete um movimento generalizado de retração no desempenho da maioria dos 18 gêneros industriais pesquisados pelo IBGE (Tabela 3). Treze gêneros apresentaram decréscimo nas taxas acumuladas até outubro, sendo que cinco (metalúrgica, material de transporte, produtos alimentares, bebidas e fumo) evoluíram de resultados positivos ao final do primeiro trimestre para taxas negativas no acumulado do período.⁶ Por outro lado, apenas cinco gêneros industriais (minerais não-metálicos, mecânica, papel e papelão, química e perfumaria, sabões e velas) chegaram, em outubro, apresentando taxas de crescimento acumulado positivas, sendo que apenas dois melhoraram sua performance ao longo do ano. Nenhum gênero evoluiu de taxas negativas no primeiro trimestre para positivas, no acumulado até outubro.

⁶ Essa performance diferencia-se, sobremaneira, do ocorrido nos primeiros 10 meses de 1997. Naquela ocasião, apenas quatro gêneros industriais apresentavam taxas de crescimento acumulado negativas, e oito ostentavam taxas positivas superiores a 10% (CASTILHOS; CALANDRO, 1998).

Tabela 3

Taxas de crescimento acumulado da produção física, por classes e gêneros da indústria, no RS — jan.-out./98

	(%)			
CLASSES E GÊNEROS	JAN-MAR	JAN-JUN	JAN-SET	JAN/OUT
Indústria geral	-1,77	-4,12	-4,86	-5,18
Indústria extrativa mineral	-15,11	-19,71	-19,76	-18,69
Indústria de transforma- ção	-1,72	-4,06	-4,80	-5,12
Minerais não-metálicos ...	12,52	3,62	5,38	6,66
Metalúrgica	7,98	4,57	0,44	-1,10
Mecânica	10,02	6,19	2,62	0,22
Material elétrico e de co- municações	-16,18	-17,55	-13,49	-12,70
Material de transporte	5,35	-1,73	-4,76	-6,84
Madeira	-23,84	-20,86	-16,63	-15,12
Mobiliário	-8,99	-7,50	-5,69	-6,13
Papel e Papelão	7,30	3,46	2,62	1,51
Borracha	-9,23	-11,57	-11,39	-11,98
Couros e Peles	-6,50	-7,43	-9,45	-9,70
Química	-3,85	4,54	5,78	5,64
Perfumaria, sabões e ve- las	5,73	4,23	7,00	7,02
Produtos de matérias plásticas	-23,91	-19,72	-14,58	-14,01
Têxtil	-7,88	-10,77	-12,24	-12,97
Vestuário, calçados e ar- tefatos de tecidos	-22,57	-21,92	-19,98	-19,76
Produtos alimentares	2,93	-2,58	-2,30	-1,93
Bebidas	26,12	-18,26	-19,93	-19,86
Fumo	3,47	-7,65	-21,81	-21,94

FONTE: PRODUÇÃO física industrial (número-índice) [on line]. Disponível na Internet via www.sidra.ibge.gov.br/. Arquivo capturado em 07 de janeiro de 1999.

Vestuário e calçados, fumo e bebidas, com taxas de crescimento acumulado em torno de -20%, foram os gêneros que mais fortemente influenciaram a queda de 5,12% verificada na produção da indústria de transformação no período jan.-out./98, havendo contribuído, respectivamente, com -1,92, -1,22 e -0,48 pontos percentuais para a formação da taxa da indústria geral. Outros segmentos que influenciaram negativamente a formação da taxa geral acumulada foram produtos alimentares, têxtil, madeira, mobiliário e couros e peles.

O gênero vestuário, calçados e artefatos de tecidos manteve a trajetória de queda já identificada em análises anteriormente realizadas (CASTILHOS; CALANDRO, 1998; PASSOS, 1998). O destaque cabe à indústria calçadista, que representa uma parcela expressiva desse gênero no Estado e continua encontrando dificuldades no enfrentamento da concorrência dos calçados asiáticos, principalmente os chineses, tanto no mercado interno como no externo. A forte reestruturação havida no setor em busca da melhoria da qualidade e da produtividade e a ampliação de suas vantagens competitivas parecem não ter sido suficientes para garantir-lhe uma performance positiva. Adiciona-se a isso a valorização do real e o deslocamento de unidades produtivas para alguns estados da Região Nordeste brasileira, onde a existência de mão-de-obra mais barata, aliada à oferta de incentivos fiscais e à infra-estrutura logística possibilitam custos de produção mais baixos.

Após perder fatias importantes do mercado de sapatos de US\$ 3 a US\$ 5 para a China, a indústria calçadista gaúcha vem buscando direcionar sua produção para a fabricação de produtos de maior valor agregado.⁷ Nesse nicho de mercado, onde o preço médio se situa entre US\$ 14 e US\$ 15, são fundamentais a manutenção de qualidade, a entrega rápida e a flexibilidade, para atender às encomendas, vantagens que fazem a diferença em relação aos concorrentes asiáticos e que vêm sendo conquistadas e mantidas com esforços de modernização produtiva e gerencial nos diversos segmentos dessa indústria, juntamente com a adoção de uma política de cortes nos custos.

Um aspecto relevante dessa indústria é a sua forte articulação com o mercado externo. Com efeito, cerca de dois terços da produção gaúcha de calçados é destinada ao mercado externo, principalmente para os Estados Unidos, país que vem sucessivamente aumentando sua importações de mer-

⁷ Um indicador do aumento do valor agregado aos calçados exportados é a evolução do preço médio desses produtos. No início da década de 90, esse preço era de US\$ 8,00 em média; em 1997, passou para US\$ 10,7 e, em 1998, no período jan.-ago., para US\$ 11,9 (KAFRUNI, 1998).

cados asiáticos: "O Brasil, que tem mais de 70% de suas vendas externas concentradas nos EUA, caiu de um expressivo segundo lugar para a quarta colocação no *ranking* de exportadores para aquele país, sendo superado pela China, Indonésia e Itália". (CAPORAL, 1998, p.A-6).

O valor das exportações de calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes (Capítulo 64 da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias) referente aos primeiros nove meses de 1998 experimentou um decréscimo de 15,68% na comparação com igual período de 1997. Essa queda concentrou-se nos calçados de couro, que representam mais de 90% das exportações⁸, e reflete perdas aumentadas em função do câmbio sobrevalorizado, uma vez que a diminuição, em número de pares, foi bem menor: -10,64%.

A segunda maior contribuição negativa para a formação da taxa geral da indústria foi dada pelo gênero fumo, com um recuo de 21,94% na sua produção medida pelo indicador acumulado até outubro. Após dois anos de significativas taxas positivas de crescimento, o que lhe rendeu um aumento de participação no PIB da indústria de transformação de 7% para 10%, de 1995 para 1997, o beneficiamento do fumo no Rio Grande do Sul foi prejudicado pela quebra de 26% da safra desse produto, que foi uma das menores dos últimos anos, em razão do excesso de chuvas. Além disso, ocorreu também uma queda de 7,2% no preço médio dessa mercadoria no mercado internacional, entre 1997 e 1998, fato que se mostra extremamente importante para o Rio Grande do Sul, que exporta a maior parte de sua produção. A menor qualidade do produto colhido na safra 1997/98 e a entrada de outros países, que não os maiores exportadores mundiais, como a Malásia e a Índia, ofertando fumo a preços inferiores à média do mercado internacional, formaram os determinantes da redução do preço dessa mercadoria em 1998 (GUIMARÃES, 1998b).

Outro gênero a ser destacado, devido às expressivas taxas negativas, é o de bebidas, que decresceu 19,86% até o mês de outubro. Destacam-se aqui problemas tanto com a produção como com a exportação de vinhos, decorrentes da menor safra de uva e das crescentes barreiras para o produto gaúcho no mercado europeu. Com relação a este último aspecto, cabe enfatizar que os importadores europeus não reconhecem as zonas produtoras nem as variedades de uva produzidas no Brasil, de modo que o vinho brasileiro passou a ser comercializado em garrafas cujos rótulos não indiquem o tipo de uva vinífera

⁸ As exportações de outros calçados de borracha ou plástico e calçados de matéria têtil, com sola exterior, vêm aumentando nos últimos anos, embora sua participação no total das exportações de calçados ainda seja reduzida. Entre 1997 e 1998, as vendas externas desses produtos aumentaram 47,91% e 17,47% respectivamente.

usada na sua elaboração nem incluíam a indicação geográfica de sua produção a partir de setembro desse ano (GUIMARÃES, 1998a).

Além desses três gêneros, destacam-se ainda, por elevadas taxas negativas de crescimento acumulado até outubro, a indústria extrativa mineral (-18,69%) e os gêneros madeira (-15,12%), produtos de matérias plásticas (-14,01%), material elétrico e de comunicações (-12,70%), borracha (-11,98%), couros e peles (-9,70%) e material de transporte (-6,84%). As taxas obtidas por produtos alimentares e metalúrgica, apesar de negativas, são próximas de zero. Observa-se que vários desses gêneros são produtores de bens intermediários, refletindo, assim, a desaceleração generalizada da atividade industrial ao longo de 1998.

Quanto aos gêneros que apresentaram taxas de crescimento acumulado positivas até outubro, destacam-se química e minerais não-metálicos, contribuindo, respectivamente, com 1,03 e 0,11 pontos percentuais para a formação da taxa global da indústria. Fertilizantes, gasolina e cimento pozolânico foram os produtos responsáveis pelo desempenho positivo desses gêneros. A performance da química é particularmente importante, tendo em vista a sua participação (7%) no PIB nominal da indústria gaúcha. Também sinaliza a importância do segmento petroquímico no Estado.

Um último comentário sobre o desempenho segundo os gêneros industriais refere-se à indústria mecânica. Mesmo que a taxa de crescimento acumulada até outubro tenha sido de apenas 0,22%, é importante avaliar a trajetória da produção desse gênero no Rio Grande do Sul, tendo em vista o seu encadeamento com a agricultura e a sua expressiva participação no PIB nominal da indústria (18,3% em 1997).

Representada, em grande medida, pelo segmento fabricante de máquinas e implementos agrícolas, a indústria mecânica gaúcha tem alternado períodos de franca aceleração e de forte desaquecimento da atividade produtiva na década de 90. Enquanto no ano de 1997 as taxas de crescimento acumuladas até outubro desse gênero atingiram 44%, em 1998 registraram praticamente crescimento zero no mesmo período, permanecendo, contudo, em um patamar relativamente elevado de produção, se comparado ao ano do início da década.

A indústria de máquinas e implementos agrícolas conquistou resultados alentadores em 1997, que perduraram até o início do segundo semestre de 1998, estimulados pela recuperação da renda agrícola e pelos incentivos⁹ con-

⁹ Destacam-se a redução da taxa de juros, de 14,5% para 11,95% a.a., a exclusão do financiamento de máquinas e implementos agrícolas pela Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), a isenção do ICMS, a isenção do IPI e a manutenção de uma linha especial da Finame a juros fixos.

cedidos pelo Governo para possibilitar a renovação do parque nacional de máquinas agrícolas, que se encontra sucateado¹⁰ (CALANDRO, 1998). Assim, apesar da diminuição na produção e das vendas no mercado interno observada a partir de então, a ponto, inclusive, de colheitadeiras e semeadeiras agrícolas terem sido apontadas entre os produtos responsáveis pela performance negativa da produção física industrial medida pelo IBGE no mês de outubro, o acumulado do ano, até novembro, continuou indicando taxas de crescimento positivas e superiores a 10%, segundo a Anfavea. Apenas as exportações diminuíram, comportamento que já vinha sendo observado ao longo de todo o ano e que pode ser explicado, em grande parte, pelo aumento das vendas para o mercado interno (CARTA DA ANFAVEA, 1998a).

Esse desempenho favorável teve reflexos positivos na indústria gaúcha, pois o Rio Grande do Sul possui um importante parque industrial produtor de máquinas e implementos agrícolas. O Estado produz cerca de 45% dos tratores e 65% das colheitadeiras automotrizas fabricados no País (ANU. ESTAT. INDÚSTR. AUTOM., 1998). No que se refere a tratores, é importante salientar o ingresso da AGCO na produção de tratores de maior porte (100 a 400 HP) e a vinda da montadora polonesa Ursus (em associação com a empresa gaúcha Metasa), que deverá iniciar a montagem de tratores em 1999, que, segundo declarações de seus responsáveis, deverá montar uma rede de fornecedores, incluindo sistematistas gaúchos. No segmento produtor de colheitadeiras, por sua vez, destaca-se a decisão da AGCO em desativar sua fábrica na Argentina e concentrar a produção de colheitadeiras automotrizas no Rio Grande do Sul.



Em suma, a redução no ritmo da produção industrial foi a principal característica da evolução da indústria brasileira em 1998, cujo perfil mais generalizado se acentuou a partir de setembro, em razão das alterações na política econômica, decorrentes da intensificação das instabilidades no cenário econômico internacional. Como resultado, esse setor deverá iniciar 1999 com um nível de produção inferior à média de 1998.

¹⁰ Segundo Péricles Pastre, Vice-Presidente da Anfavea, o setor está conseguindo vender apenas a metade das máquinas que o mercado necessita para reposição, pois, "(...) segundo números da indústria, o País tem 500 mil tratores, dos quais 125 mil (25%) têm entre 15 e 28 anos de uso e deveriam ser substituídos" (DURÃO, 1998).

Grosso modo, ao longo do ano, a equipe econômica procurou minorar os impactos da crise financeira internacional, sem grandes modificações na política cambial. Como já mencionado anteriormente, o principal instrumento utilizado foi a elevação da taxa de juros, com o objetivo de conter a saída de capitais externos e de continuar atraindo novos investimentos estrangeiros. De forma complementar, foram adotadas medidas fiscais, na tentativa de amenizar a repercussão do aumento da taxa de juros sobre a dívida pública.

Portanto, as medidas implementadas têm buscado, primordialmente, evitar a crise cambial e manter a estabilidade de preços, embora ocasionando impactos desfavoráveis sobre as atividades produtivas. No caso específico do setor industrial, tanto nacional quanto regional, conforme verificado no decorrer deste artigo, os resultados gerais foram negativos. Nesse contexto, os aumentos de produtividade e de competitividade que vêm ocorrendo ao longo dos últimos anos em vários segmentos industriais, bem como os novos investimentos já realizados, não têm mostrado fôlego para contra-arrestar os efeitos negativos dessa atual conjuntura econômica.

Bibliografia

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA: 1957-1997 (1998). São Paulo : Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores.
- CALANDRO, Maria Lucrécia (1998). O desempenho da indústria brasileira de máquinas e implementos agrícolas. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v
- CAPORAL, Angela (1998). Cai a venda de sapatos ao exterior. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-6, 23-25 out.
- CARTA DA ANFAVEA (1998a). São Paulo : Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, out..
- CARTA DA ANFAVEA (1998b). São Paulo : Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, nov.
- CARTA da ANFAVEA (1998c). São Paulo : Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, dez.
- CASTILHOS, Clarisse; CALANDRO, Maria Lucrécia (1998). O desempenho da indústria em 1997. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, v.25, n.4, p.35-58, mar.

DURÃO, Vera Saavedra (1998). Indústrias pedem menos recursos ao BNDES. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.A-4, 29 out.

GOMES, Wagner (1998). Carros: encalhe pode ir até março. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.C-2, 15 out.

GRINBAUM, Ricardo (1998). Eletroeletrônicos têm pior resultado do Real. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.1, 24 dez.

GUIMARÃES, Luiz (1998a). União Européia veta entrada de vinho brasileiro. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.C-8, 02 jul.

GUIMARÃES, Luiz (1998b). Produção de fumo deve aumentar. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.B-24, 05 nov.

A INDÚSTRIA perto do limite (1998). **Súmula Econômica**, Porto Alegre : FIERGS, n.9, p.32-37, out./nov.

KAFRUNI, Simone (1998). Calçado gaúcho ganha em qualidade para subir de preço. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p.20, 18 dez.

PASSOS, Maria Cristina (1998). O desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 1998. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, v.26, n.2, p.37-47.

PASSOS, Maria Cristina; CAMPOS, Silvia Horst (1997). O desempenho da indústria em 1996. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre : FEE, v.25, n.1, p.31-50, maio.

QUEDA na produção de veículos atinge 52% (1998). **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p.1, 13 nov.